

O Joca Neves expunha numa roda de colegas:

— Vai sair à cena uma comédia impagável: o Dr. Alípio namora duas damas que vocês conhecem, tendo como rival, com relação a uma delas, o respeitável pai de família coronel Chico Herculano, o qual, por ser o mais sisudo, terá o papel mais ridículo. Intrigas, ciuçadas, sarilho grosso. O galã dá o coração a uma, o resto à outra, e por fim engana a ambas. Derrotado pelo bonifrate, o chefe ilustre demite a ele e à professora; chora abraçado com o coletor cada um o seu fiasco, e rompem ambos com o padre Balbino, que não casará ninguém, mas talvez tenha que batizar algum enjeitadinho...

CAPÍTULO IV

NA EXPOSIÇÃO deste entrecho Joca Neves agrupava todas as hipóteses ocorrentes à imaginação da sociedade ipuçabense, que tinha na Feira os seus mais inteligentes representantes.

O figurantes nada sabiam ainda da ansiedade pública a respeito dos seus atos e sentimentos, abstraindo-se de pensar que ao redor deles havia a curiosidade humana a espioná-los, a julgá-los, a divertir-se à sua custa.

Alípio, o herói da peça, ia naquele momento em rumo da casa de Asclepiades, numa magnífica disposição de espírito. Depois de receber em plena carne os olhares capitosos de Bilinha, desejava agora mergulhar o coração no banho de inocência dos olhares pudicos de Florzinha, que devia estar linda naquele momento, com os seus modestos atavios de ir à missa.

Matias empacara ao dobrar uma esquina.

— Bom, aqui o deixo.

— Ora essa! — protestou Alípio. Vamos à casa do Asclepiades e de lá o acompanharemos à missa. Depois você almoça comigo.

— Não, queira desculpar-me; tenho de acompanhar minha mãe à igreja.

Matias tinha já suspeitas de que o bacharel fazia também a corte à Florzinha, mas temia verificar que não se enganava. Com que direito tremia por esse afeto recôndito, sem esperanças, que talvez nem ela adivinhara ainda? Nem lhe consentia o amor próprio que, mesmo sob a égide de Alípio, aparecesse em casa do Asclepiades no seu velho traje maltalhado, quando o bacharel, apuradamente vestido, ia pelo caminho — bem o notava — atraindo os olhares de todas as mulheres. Uma mulher do povo interpretara o sentimento do sexo, exclamando:

— “Ai que moço lindo, benza-o Deus!”

Alípio agradeceu com um sorriso, e Matias sentiu uma picada de inveja, e, de golpe, despediu-se desse homem que a todos fascinava, que ia vê-la, falar-lhe, apertar-lhe a mão nunca por ele tocada, marchar a seu lado até à igreja. Desejava Matias esconder-se no seu aposento, como um animal ferido, amaldiçoando o meio hostile onde deslizava inútil e afeleada a sua triste mocidade. A mãe recebeu-o à porta com um semblante contrariado:

— Quase não vinhas mais! Não sabes que ainda temos de almoçar para ir à missa?

— Eu não vou.

— Por quê?

— Não quero! — disse o rapaz com enfado, entrando para o quarto. Ia despir-se quando ouviu na soleira da janela um estalido leve: uma pancada de leque; ao mesmo tempo uma voz cristalina gritava de passagem: — Bom dia, D. Joaninha!

Era a voz de Florzinha. Matias estremeceu da cabeça aos pés e correu à janela. Viu-a marchando airosoamente rua em fora, acompanhada de um irmão pequeno. Ao dobrar a esquina, ela voltou o rosto e seus olhos o apanharam num relâmpago, sumindo-se sem dar tempo a um cumprimento. Ele ficou ali com uma sensação de deslumbramento produzida pela visão fulgurante de um vestido branco ao sol e de uns cabelos soltos que o vento repuxava num feixe luminoso, como a cauda de um cometa. Uma onda de gozo lavou-o interiormente.

Mas a mãe chamou-o de dentro para o almoço.

— Era a Florzinha?

— Era.

— Com certeza vai à casa das primas para irem juntas à missa.

Matias baixou os olhos e deu um jeito à boca exprimindo que devia ser isso. A velha lançou-lhe um olhar triste e rápido e soltou um suspiro imperceptível.

— Andaste a passear com o doutor?

— Andei. Fomos ver o movimento da Feira. É a primeira vez que entro ali. Muito interessante.

Calaram-se. Matias radiava intimamente da satisfação de ver passar Florzinha pela sua porta justamente quando a supunha ao lado do promotor. Aquilo lhe parecia uma fuga propositada, como propositada lhe parecia a passagem por ali; não era aoutele o caminho mais curto para ir à casa das primas, ou, pelo menos, não era o mais natural. Contudo não podia acariciar a pretensão de imaginar que ela sabia dos seus sentimentos e os correspondia. Se ele era o primeiro a fugir-lhe, se nunca lhe falara... Uma vez Florzinha fora à sua casa, acompanhando uma amiga que viera visitar D. Joaninha, e ele, que estava no quarto, não ousara aparecer, presa da

estúpida timidez que o empolgava tiranicamente em certos momentos. Poucas vezes ousava fazer um pequeno desvio para passar pela casa do coletor, e quando passava era com um andar embaraçado, com um semblante contrafeito, apenas tocando de leve no chapéu para saudá-lo. Nunca estivera com ela em festas, porque não dançava, e raramente o convidavam para divertimentos. Só pelas novenas do mês mariano é que podia contemplá-la mais de perto da porta do lado da igreja, ponto preferido dos rapazes, e então a envolvia na adoração desaperecebida dos seus olhares apaixonados.

Asclepiades inspirava-lhe um sentimento de invencível intimidação. Sabia que ele lhe gabava a inteligência, mas somente para se mostrar entendedor em coisas literárias, terminando a sua crítica encomiástica por chamar-lhe de preguiçoso, de maricas, de banana. E com que frieza o cumprimentava quando de todo não podia fingir que não o via! D. Claudina, ao contrário, tratava-o alegremente e ao encontrá-lo exclamava com seu largo e cordial sorriso: — como vai, “seu” poeta?

— Oh! filho acaba esse café! observou D. Joaninha. Bem sabes que ainda vou arrumar tudo para vestir-me.

E ouvindo a voz do sino: Olha, é a primeira chamada.

Despertando de seus pensamentos, Matias acendeu o cigarro e foi para a janela da rua. Os fiéis começaram a afluir à igreja. A gente pobre que morava para as bandas do açude, a cujas margens se elevava uma centena de choças, chamadas pelo Casimiro — a Londres de palha, vinha vindo, uma família após outra, tudo com a melhor roupa, as solteiras trajando cassas, em corpo, com cravos brancos e cravinas vermelhas nos cabelos; as casadas trazendo aos ombros xales sarapintados e carregando com os filhinhos de peito, e as velhas de saia de chita roxa, envolvidas nos grandes lençóis de cacundê com babados de cambraia.

E, olhando a procissão dos devotos, trabalhava por metrificar a impressão do súbito aparecimento de Florzinha: já achava o título — *Visão de luz*. E batia a floresta do vocabulário à cata de adjetivos sonoros e de rimas esquivas, quando a mãe apareceu no seu antigo e grave vestido de merinó preto; ambos se dirigiram para o templo.

Foi longa a missa; houve sermão, e, ao levantar da hóstia, Birlinha e outras senhoras cantaram ao harmônio o *Tantum ergo*. Era já meio-dia quando a igreja se foi esvaziando.

O vigário almoçava e estava a receber visitas de seus paroquianos, quando se ouviu, para o lado da Feira, um forte rumor de vozes e trilar de apitos. Todos se precipitaram às portas e viram correr gente na direção da Feira.

Que seria? Alguns saíram a ver o que se passava. E mais tarde, trêmulo e esbaforido, Casimiro veio contar o ocorrido:

— Zé Pipoca, cangaceiro de João Ferreira, apareceu na Feira, ostentando provocadoramente a sua faca e o seu cacete. A polícia quis desarmá-lo, mas o cabra resistiu, encostou-se à parede do barracão e fez frente à força. O alferes, comandante do destacamento, gritou que o agarrassem. Os soldados investiram, mas um deles caiu logo com a barriga varada por uma facada; outro tombou com a cabeça aberta por uma cacetada; um terceiro levou também forte pancada no braço, deixando cair a arma. Mas os sabres choviam sobre o cabra, que estava já todo ensanguentado. Então uma forte cutilada no alto da cabeça fê-lo tontear. Os soldados tentaram agarrá-lo, porém ele recobrou ânimo, saltou para a frente, abriu um claro em redor de si, e, pulando como um demônio e distribuindo cacetadas a torto e a direito foi buscando o portão, por onde se escapuliu numa carreira vestiginosa. As praças seguiram-no, e, quando ele já galgava a calçada do João Ferreira, um lanço de sabre, dado por baixo, rolou-lhe a barriga da perna, fazendo-o cair num lago de sangue. João Ferreira e o filho correram para puxar o cabra para dentro, mas o alferes interpôs-se, ameaçando-os com a espada, e o preso foi carregado em braços para a cadeia.

A emoção daquele acontecimento fazia toda a pequena cidade vibrar alvoroçadamente. Muitos folgavam com a afronta que sofrera João Ferreira e com o ensino dado a Zé Pipoca, cujo atrevimento intimidava a todos. Outros temiam as consequências da luta recomeçada agora da cabroeira de João Ferreira com a polícia, coisa que sempre acontecia quando ele não estava senhor das posições oficiais. Chico Herculano sancionou o fato consumado e foi ver os soldados feridos, em quem o delegado procedia ao corpo de delito, formalidade não observada, por ordem sua, a respeito do provocador do conflito.

E na calçada da Feira, no meio de um grupo de seus colegas, Joca Neves comentava com a sua irresistível fala engasgada: — Agora é que a porca torce o rabo, se ela não for cotó!

E o domingo luminoso e soberbo acabava sob a impressão do sangrento acontecimento. Os matutos entraram a debandar em rumo de seus lares, às quatro horas apenas se notava a presença de grupos de gente da cidade a narrar uns aos outros os episódios da luta, com fabulosos acréscimos.

A emoção só não atingira às graúnas, que, do alto dos tamarindeiros, garganteavam ao cair da tarde notas sublimes ressoando cristalinamente sob o céu purpleado que se arqueava sobre a cidade com uma majestade feita de serenidade e de mistério.